

Entre canais humanos e muralhas lisas: as transformações da urbe no poema *Cidade física*, de Dora Vasconcellos

Between human channels and smooth walls: the transformations of the city in the poem Cidade física, by Dora Vasconcellos

DEIVIDE ALMEIDA ÁVILA

Mestrando em Letras - UFSJ
E-mail: almeidavila06@yahoo.com.br

OZANA SACRAMENTO

Professora Doutora - IF Sudeste MG
E-mail: ozana.sacramento@ifsudestemg.edu.br

Resumo: Este trabalho propõe investigar a transformação sofrida na cidade na segunda metade do século XX, tomando a poeta carioca Dora Vasconcellos (1911-1973) como representante desse período. Para isso, analisaremos o poema “Cidade física”, inserido no livro *Surdina do Contemplado* (1958). Nesse poema, a autora tem como aspectos líricos a subjetividade e a sensibilidade em relação às modificações ocorridas na urbe, sobretudo sobre as formas e as vivências sociais. Tal poema focaliza a cidade em cenários, personagens e tradições convergentes num determinado tempo da história no espaço temporalidade. A cidade começou a ganhar importância por suas transformações, cujo espaço passou a abrigar uma sociedade urbana dominada pelo mercado, pela tecnologia e pela aceleração da vida cotidiana. Dora Vasconcellos deu voz a um sujeito lírico que evoca a dificuldade de traduzir a cidade que hoje habita, que mostra certo tipo de desencantamento e deslinda com estranhamento as mudanças ocorridas em seu próprio tempo e espaço, versando, assim, sobre as perdas ocasionadas pela modernidade. A partir de tais constatações, perceberemos como a crítica usada pela poeta descreve o espaço citadino, pensado e analisado historicamente, e nos oferece imagens, costumes e linguagens dentro de uma história cultural. Para contribuir à investigação, recorreremos a estudos dos teóricos Canclini (1997) e Collot (2013), entre outros.

Palavras-chaves: *Cidade Física*. Modernidade. Subjetividade. Sensibilidade.

Abstract: This paper proposes to investigate the city transformation in the second half of the 20th century, taking the Rio de Janeiro poet Dora Vasconcellos (1911-1973) as a representative of this period. For this purpose, we will analyze the poem "Cidade física" (Physical City), included in the book *Surdina do Contemplado* (1958). In this poem, the author's lyrical aspects are subjectivity and sensibility concerning the modifications that have occurred in the city, especially regarding social forms and experiences. The lyric poetry shows the town in scenarios, characters, and traditions that converge in a particular time of history in the space of temporality. The city began to gain importance because of its transformations, whose place became home to an urban society dominated by the market, technology, and the acceleration of daily life. Dora Vasconcellos has given voice to a lyrical subject that evokes the difficulty of translating the city he inhabits,

that shows a certain kind of disenchantment, and glances with strangeness at the changes that have occurred in his own time and space, thus dealing with the losses caused by modernity. From these observations, we will see how the criticism used by the poet describes the city space, historically thought and analyzed, and offers us images, customs, and languages within a cultural history. To contribute to the investigation, we draw on studies by theorists Canclini (1997) and Collot (2013), among others.

Keywords: Physical City. Modernity. Subjectivity. Sensitivity.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Revolução Industrial causou profundas mudanças no modo de vida das pessoas, dentre elas o aceleração da urbanização e a reconfiguração do processo produtivo. Tais transformações afetaram a relação das pessoas com esse novo espaço regido pelas regras do capital. A presença da cidade em sua faina frenética, que deixa as pessoas ilhadas em sua rotina, tornou-se comum nos textos literários e, por conseguinte, passou a ser objeto nos estudos literários. O espaço urbano nos oferece referências que a literatura busca representar através de imagens, costumes e tipos, dentre outros objetos. Assim, buscaremos entender a poesia do espaço urbano abordado por Dora Vasconcellos, com suas significações e representações numa determinada temporalidade.

A literatura, mais especificamente aqui a poesia, é uma ferramenta persuasiva na construção da sociedade, pois, como afirma o crítico Antonio Candido (2006, p. 20), a arte literária, como um instrumento de civilização, forma-se por meio do entrelaçamento de variados fatores sociais. Deve-se perceber a literatura como um todo indissociável, resultado de um tecido formado por características sociais distintas, porém complementares. Assim, deve-se pensar a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte, como a influência que a própria obra exerce sobre o meio. A arte pode, então, ser uma expressão da sociedade, não deixando de se considerar o teor de seu aspecto social, ou seja, o quanto ela está interessada nos problemas sociais.

Candido assevera que o conteúdo social das obras e o influxo da literatura no leitor fazem do texto literário um mecanismo de mobilização social. Afirma o crítico:

[...] a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. (CANDIDO, 2006, p. 30).

Nessa perspectiva, a literatura é um fenômeno de cultura e, portanto, tem um papel na sociedade, qual seja, sua função humanizadora que ultrapassa a fruição estética. Sendo assim, podemos ler como a cidade em si nos traz sentidos e as perdas desses. A urbe se reflete na escrita literária como uma composição ficcional que, dentro dos estudos culturais, leva em conta, também, a formação de identidades, como aponta Néstor García Canclini (1997, p. 96):

Este tipo de aproximação tem consequências para a construção da cidadania cultural, porque esta cidadania não se organiza somente sobre princípios políticos, segundo a participação “real” em estruturas jurídicas ou sociais, mas também a partir de uma cultura formada nos atos e interações cotidianos, e em projeção imaginária desses atos em mapas mentais da vida urbana.

De acordo com Canclini, a cidade imaginada e desvendada pelos escritores amplia os sentidos da urbanidade dentro da literatura. O antropólogo argentino, que tem como foco a cultura na pós-modernidade a partir do ponto de vista latino-americano, elucida o impacto de novas tecnologias, o que podemos chamar de “necessidade capitalista”, no setor cultural de uma sociedade. Assim, veremos como o poema vasconcelliano serviu para criar uma experiência a partir da perspectiva de um eu lírico que transita por esse tipo de cidade, que existe na realidade social.

2 A LEITURA DA CIDADE NA POESIA DE DORA VASCONCELLOS

A modernidade é um fenômeno essencialmente urbano que cumula a vivência da cidade de complexidades e tensões. Tais elementos, emanados do ser humano e atuantes sobre ele, faz com que o espaço urbano surja como metáfora de uma nova prática dos cidadãos, numa nova ordem tecnológica que modifica o cenário no qual habitam.

O intuito da investigação da temática urbana no poema *Cidade física* é averiguar a maneira como a imagem é evocada pela palavra poética, tendo em vista que tal recurso retórico, inicialmente, pode ser definido como a representação verbal de um objeto visual.

O sujeito lírico, com perspicácia, tem um olhar voltado para a cidade, uma mirada da mesma ordem do *flâneur* apresentado pelo poeta francês Charles Baudelaire. Esse olhar poético, configurado pela figura do observador, capta, de forma sensível e verdadeira, o mundo, o cotidiano e o que neste mundo. Enfim, uma *flânerie* que mostra a vida social, o cosmopolitismo.

A cidade que o *flâneur* observa é a das transformações urbanas que ocorreram no século XIX, a urbe que concebe novas vias de circulação para os transeuntes, implicando a destruição de um espaço de antes que, agora, dá morada ao novo. Assim, leremos como a cidade representa as impressões atravessadas pela subjetividade de um sujeito lírico que se propõe a olhar e a relatar o que vê e/ou sente com o propósito de manifestar aspectos e/ou situações que foram experienciados em um dado momento. Parte-se do pressuposto de que qualquer discurso sobre a cidade está sob o viés histórico de um tempo vivenciado, em que a urbe existe como espaço social e físico, com ordem e desordem demográfica, arquitetônica e cultural.

3 A POETA

Dora Alencar de Vasconcellos, além de consulesa e embaixadora representante do Brasil em alguns países, foi poeta com publicação de três obras no gênero lírico: *Palavra sem eco* (1952), *Surdina do contemplado* (1958) e *O grande caminho do branco* (1963). Também, em 1958, sob encomenda do compositor Heitor Villa Lobos, escreveu quatro poesias que compuseram as canções da suíte *Floresta do Amazonas*.

No livro *Surdina do contemplado*, com um número de 172 poemas, Dora Vasconcellos tomou como tema o amor – sentimento esse descrito em vários sentidos, como a infância, o folclore e o urbano.

Sobre esse último tema, a poeta deslinda a cidade em constante transformação, um modelo de urbe moderna, resultado de processos históricos e revoluções de diversas áreas que culminaram em pensamentos, cultura e modos de vida que podemos chamar de modernidade.

Jorge Medauar (1963, s/n), ao tratar sobre a poética de Vasconcellos, diz que “[...] a metáfora, o símbolo, a imagem são recursos usados, porém despojados dessa clareza surpreendida na leitura do primeiro verso, ou mesmo da primeira palavra”.

Não obstante o que disse o crítico, Vasconcellos usa uma linguagem direta, que ilustra fatos do dia a dia, como a representação do cotidiano urbano. E, mais especificamente, no poema *Cidade física*, verifica-se que os versos livres, dispostos em cinco estrofes, mostram uma determinante para a sociedade contemporânea, um sujeito lírico que reclama a mudança na cidade. A urbe começou a ganhar importância por suas transformações, cujo espaço passou a abrigar uma sociedade dominada pelo mercado, pela tecnologia e pela aceleração da vida cotidiana, e é essa cidade que, em certa medida, se desumaniza, que emerge no poema de Vasconcellos.

4 CIDADE EM FORMA DE POESIA

Considerando-se que a poesia de Dora Vasconcellos não foi e ainda não é amplamente divulgada em meios tradicionais e nos digitais, transcreve-se a seguir o poema em tela.

Cidade física

A cidade existe estrondosamente
Pisam sôbre¹ o tambor das ruas
Passos de ritmos vários
Acordando as pausas verticais

Não há ouro entre a poeira
Nem recato no ruído
As ruas se negam aos transeuntes
E há afogados

¹ Optamos por manter a escrita original, pois a edição utilizada é anterior à reforma ortográfica de 2009.

Entre canais humanos

Já ruiu o abrigo das flôres
E já passou a vertiginosa estrela
Levo perdas e danos
E todas as tristezas comuns
Em mim reunidas

Jogo o olhar em visões
E beijo as pedras
Cuidando despertá-las

Dor física do amor
Dor física da cidade imensa
A idéia crepuscular
Pernoita
Entre muralhas lisas. (VASCONCELLOS, 1958, p.26)

No título do poema, o adjetivo “física” remete à natureza, à matéria e, em particular, aqui, à composição, a organização e a formação de uma cultura urbana.

À primeira vista, a cidade já é descrita como ruidosa, barulhenta, povoada por transeuntes em passos de variados ritmos, responsáveis por acordar metaforicamente, os prédios – formas referenciais às construções modernas. Como um dos símbolos mais característicos de um grande centro, os edifícios construídos nas metrópoles em muita quantidade podem equiparar a cidade a um labirinto. Há que se mencionar que a cidade ruidosa de certa forma é musical; observa-se o emprego de vocábulos que remetem à música, como tambor, ritmos e pausas. É como se o espaço das ruas fosse uma grande pauta musical em que os prédios completam a notação musical como barras de compassos que, juntamente com a rotina frenética e o insulamento dos cidadãos, compõem uma nova e opressiva harmonia da urbe.

Na segunda estrofe, vê-se a alusão ao capital (ouro) e certa hostilidade da cidade para com seus habitantes/transeuntes. Na terceira estrofe, tal hostilidade se mantém na supressão das flores, e a voz lírica assinala o sentimento de perda.

A dureza da cidade e a sensação do eu lírico se afiguram na quarta estrofe. Na última estrofe, a cidade imensa insinua o fim de um ciclo dentro de si mesma; contudo, a cidade causa dor física a esse sujeito. A voz lírica observa e sente a identidade perdida e fragmentada da multidão que não mais vive o espaço, mas habita a tecnicidade de uma nova cultura.

As referências a urbe movimentada são conotadas pelo advérbio “estrandosamente” (verso 01) e pelos léxicos musicais: tambor, ritmos, pausas (versos 02, 03 e 04). Tais ruídos são causados pelos passantes que dão passos que despertam as construções apuradas, guiando o leitor por vias públicas, o que alude a uma movimentação desordenada de pedestres que causa estrondo e rumores.

O ambiente peculiar da cidade grande é evocado pelas referências negativas às ruas com o advérbio de negação “não” para indicar a agitação e a incomodidade nessas vias “[onde] há afogados/Entre canais humanos” (versos 08, 09). Nesses versos, a

multidão das ruas (canais humanos), anônima, não enxerga o outro que se afoga nela mesma. Essas referências evocam o sentido da audição, uma vez que os ruídos provocados pelos passantes costumam importunar aqueles que vivem em localidades com esse tipo de ruas povoadas/movimentadas. A audição aqui é afetada pela ação humana que podemos acrescer do “sentido” cinético.

Os versos “Já ruiu o abrigo das flôres” e “E já passou a vertiginosa estrela” (versos 10 e 11) mostram a interferência desses pedestres que modificam o cenário da natureza ainda existente. A “inútil” e pequena interferência humana no que ainda resta de beleza natural nos grandes centros é um mergulho do eu lírico na subjetividade desterritorializada, percebendo visualmente as singularidades que escondem o visível, ou seja, atentando para o que existe – o belo, e graças a tais intervenções, a cidade fica um tanto mais dura.

Os versos seguintes – “Levo perdas e danos/E todas as tristezas comuns/Em mim reunidas” (versos 12, 13 e 14) – mostram um sujeito lírico insatisfeito, atento às intempéries causadas pela ação humana, que não atenta para a vida natural ao seu redor e não a contempla, pois, na pressa do ramerrão diário, nem dispõe de tempo para isso. Tais versos nos possibilitam inferir, também, que o meio ambiente sofreu efeito devido à urbanização.

Ao discorrer sobre a rua movimentada, povoada por transeuntes apressados, a poeta descortina um espaço que se revela para além da função de um lugar dinâmico e social da cidade. A personificação da rua como um espaço reformulado, recriado e que ainda abriga resquícios da natureza, não tem importância e isso causa uma inquietude, uma insatisfação ao sujeito lírico. A rua, aqui, parece um ser vivo que legitima a urbe a qual o cosmopolitismo deu à luz.

Podemos inferir como um espaço urbano é construído e se modifica a partir das contradições manifestadas pela lógica do sistema capitalista, com constante busca pelo lucro dentro do desenvolvimento. Observa-se isso na menção à poeira das ruas onde não há mais ouro, metáfora da busca pela riqueza material. Nessa perspectiva, os indivíduos estão em uma cidade tecnificada e hostil em que sua imagem mecanicista aparece nos versos de Vasconcellos com representações visuais das pausas verticais (edifícios) e das “ruas que se negam aos transeuntes”.

Os termos que aludem à vontade do sujeito lírico – “olhar em visões”, “E beijo as pedras/Cuidando despertá-las” – na penúltima estrofe, registram uma reflexão e uma angústia acerca da nova e dura realidade da cidade, símbolo de modernidade/urbanização. E a voz poética mostra tamanho descontentamento quando a metrópole se transforma em registro de sua própria história, “na dor física”.

A percepção da cidade pelo sujeito lírico, por meio dos sentidos, registra uma cidade moderna coalhada de transeuntes, isto indicado pelos léxicos “pisam” e “passos” que modificam o espaço “acordando” os prédios, sem “recato”, sem espaço entre os próprios passantes.

Na última estrofe, o leitor pode ler a preocupação da voz lírica com a mudança de cenário na cidade e isso origina um olhar que traduz transformação que a provoca e a afeta de alguma forma, cuja “Dor física do amor” e “da cidade imensa”, ainda persiste e adentra a noite “entre muralhas lisas”. A expressão “idéia crepuscular” remete ao

declínio ou fim de um ciclo, o que ocorre repetidas vezes com as cidades como resultado das intervenções humanas no espaço urbano.

Nos versos de *Cidade física*, Vasconcellos descreve um espaço urbano como uma cidade grande, cujo cotidiano ilustrado em sua poética revela ruas em constante movimentação e o descaso ao pouco de vida natural (natureza) que ainda habita esse espaço e a qual está a ruir. O cotidiano faz parte da produção e da reprodução em que a vida moderna se encontra. A austeridade do dia a dia, do corre-corre, do sufocamento na cidade é contrastada com um tempo de dor subjetivamente causada no eu poético, uma experiência que afetou sua vivência. A cidade, presente nessa poesia, aparece como uma ambientação que vive e atua com o sujeito poético e não como uma simples matéria.

No poema, a poeta soube dar significado à imagem da cidade moderna, pois suscitou metaforicamente as edificações inseridas nos grandes centros quando diz “pausas verticais”, aludindo a espaços entre as ruas e a “muralhas lisas”, remetendo a edifícios monumentais e, de alguma forma, inacessíveis aos passantes, posto que sejam muralhas, ocasionando, assim, barreiras representando impossibilidades causadas pelos processos capitalistas, como a industrialização, que privam os seres de direitos igualitários.

Sobre a partilha entre o sujeito e a paisagem e como se dá esse tipo de interação, Luiz Otávio Cabral (2000, p. 38-39) diz:

Sob uma perspectiva humanística é preciso deslocar a atenção do objeto externo para os processos que ocorrem com os sujeitos que interagem com a paisagem. Não no sentido de determinar com precisão as forças físicas e psíquicas envolvidas, mas de descrever e analisar a maneira pela qual eles partilham essas relações existenciais com o entorno.

E é isso que se depreende desse quadro em movimento descrito pelo eu lírico. A cidade física, com suas ruas abarrotadas de passantes esquivos e afogada na rotina sufocante da cidade barulhenta, arquitetonicamente hostil, causa padecimento a esse sujeito que flana e observa a urbe.

Uma vez que a paisagem é uma construção/representação feita pelo sujeito de forma imagética e sentimental, com significado para além do espaço estático, Michel Collot (2013, p. 26) diz:

A paisagem não é apenas vista, mas percebida por outros sentidos, cuja intervenção não faz senão confirmar e enriquecer a dimensão subjetiva desse espaço, sentido de múltiplas maneiras e, por conseguinte, também experimentado. Todas as formas de valores afetivos – impressões, emoções, sentimentos – se dedicam à paisagem, que se torna, assim, tanto interior quanto exterior.

As características pertinentes à polis moderna são reveladas paisagisticamente e abarcam uma fonte de inspiração. Vasconcellos versa sobre uma cidade, não referenciada, mas com características concernentes a esse espaço cujo sujeito lírico é o focalizador que contempla a paisagem citadina, paisagem esta que atua na subjetividade do eu lírico a ponto de lhe causar dor.

No poema *Cidade física*, podemos ler a consciência de uma poeta que mostra a percepção sensorial da cidade entre os cenários que a compõem. Nele, há uma autoinvestigação de acontecimentos cotidianos que são explicitados como uma forma de capturar a poética do mundo contemporâneo, observado de uma forma sistemática que refina a vida – o olhar poético.

Com isso, somos levados a experimentar fisicamente os traços característicos intrínsecos à movimentação de um grande centro. Com a aplicação desse modelo interpretativo em forma de poesia, a delimitação das especificidades da urbe, reveladas por meio de palavras, demonstra como a literatura é capaz de criar interação e interpretação através de um sujeito lírico que descreve sentimentos e do leitor tanto com o processo de vivência na rua movimentada como com a cidade *per se*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfoque nos estudos contemporâneos sobre a cidade propicia que se observe inscrição/descrição da cidade vivenciada, sentida, residente e observada pela voz lírica em Dora Vasconcellos.

Podemos considerar que o poema *Cidade física*, escrito em 1958, dá estatuto e historicidade à cidade moderna com pequenas, porém, contundentes amostras do espaço urbano, cujo choque e tensão no olhar do sujeito lírico aparecem com impressões e insatisfações que os versos fazem interiorizar.

O conflito entre o eu e o espaço paisagístico se dá com palavras de conotações negativas marcadas por signos de complexidade, de choque e de certo esvaziamento do humano. É sintomática a resistência da voz lírica à cidade que se modificou. A modernização, como valor e processo, apagou o antes, agora a cidade é regenerada e perde sua peculiaridade para se juntar ao mesmo estilo de toda cidade moderna. A cidade reconstruída e desorganizada mostrou-se caótica com a perda das referências aos valores do passado.

O poema abordado demonstra a importância que tem o ambiente construído na formação das identidades. A cidade moderna impõe novas relações com o espaço, como lemos no poema. Ainda, tal poema revela o impacto da transformação da cidade sobre o eu lírico, como reclama o sujeito lírico como um focalizador que utiliza da subjetividade contemplativa como uma das formas literárias para verbalizar a metrópole.

O ponto de vista do sujeito lírico reveste-se de certo descontentamento que se mescla de tom sentimental que lê a cidade através da memória afetiva de um estilo e condição do que foi antes. No presente, busca-se ainda o que resta de idílico e reclama a maneira de viver a cidade. O eu lírico encena os hábitos de um lugar customizado pelo capitalismo, cujos novos traços do cosmopolitismo se inscrevem na vivência do sujeito com um progresso que apaga o antes. Aqui, a cidade é um receptáculo de pessoas,

costumes e valores impulsionados pela modernidade advindos do sistema de industrialização e urbanização que alteraram o cenário físico.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Paris do Segundo Império. *In*: BENJAMIN, Walte. **Obras escolhidas**. v. III. Trad. José Carlos Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CABRAL, Luiz Otávio. A paisagem enquanto fenômeno vivido. **Geosul**, Florianópolis, v. 15, n. 30, p. 34-45, jul./dez. 2000.

CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 1997.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Tad. de Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

MEDAUAR, Jorge. Contracapa: *In*: VASCONCELLOS, Dora. **O grande caminho do branco**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963.

VASCONCELLOS, Dora. **Surdina do contemplado**. Rio de Janeiro: Editora Livraria José Olympio, 1958.